

A situação internacional

e as tarefas do Movimento Comunista Internacional

“É obrigação dos comunistas, do proletariado revolucionário, liderar a luta ideológica em oposição ao capitalismo, seus flagelos e vícios, e pela sobrevivência e vigência do socialismo. Hoje em dia, desde as diversas vertentes da reação, se exhibe de maneira principal a idéia da superioridade do capitalismo e, como resultado, a obsolência do socialismo. Corresponde a nossos partidos desmascarar essas teses, demonstrar a natureza voraz e insaciável do imperialismo e do capitalismo, evidenciar seus flagelos e vícios, sua responsabilidade sobre a exploração, a opressão, a fome e a miséria de milhares de milhões de trabalhadores, o saque dos recursos naturais de todos os países, a apropriação da mais-valia gerada pelos trabalhadores de todos os países, a política guerreirista que assola os cinco continentes. De outro lado é indispensável promover por todos os meios a justiça e a vigência do socialismo, evidenciá-lo como a única e verdadeira solução à situação das classes trabalhadoras e da humanidade.”



Conferência Internacional de Partidos
e Organizações Marxista-Leninistas



A situação internacional

e as tarefas do Movimento Comunista Internacional



Conferência Internacional de Partidos
e Organizações Marxista-Leninistas

www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=19539

9 - Na Califórnia existem condados que têm taxas de desemprego de 20%.

10 - Desde 1970 nem a demanda nem o emprego cresceram nos EUA sem a ajuda de uma demanda agregada impulsionada pelo endividamento.

11 - Para ter uma idéia do que isto significa, se há 2010 anos se gastasse um milhão de dólares por dia, ainda assim não haveria coberto um trilhão de dólares.

12 - Mais de 40% da dívida pública grega está em mãos de bancos franceses e alemães, o resto em mãos de outros bancos, alguns deles aparecem como gregos, mas estão controlados por capitais franceses, alemães e americanos.

13 - As estimativas de crescimento da China para este ano variam entre 9,5% e 11%. Quaisquer das duas cifras são altas nas condições atuais.

14 - Mesmo assim se converteu no maior sócio comercial da Índia e da África do Sul.

15 - Prova litográfica da OCDE: “Perspectivas sobre o Desenvolvimento Mundial: A mudança de riqueza” (http://www.oecd.org/document/12/03343,en_2649_33959_4546798_0_1_1_1_1,00.html)

16 - Na atualidade, para o Brasil e Chile, a China é o principal sócio comercial.

17 - Na Venezuela a China investiu mais de 400 milhões de dólares em infra-estrutura de 15 poços de petróleo, produção de gás e melhora ferroviária e de refinaria.

18 - Perspectivas da Economia Mundial - FMI. Abril de 2010

19 - O primeiro-ministro Sheikh Hasina Wajed teve que reconhecer que o atual salário mínimo “não só é insuficiente, mas também desumano”.

20 - O jornal Global Teme, do Partido Comunista Chinês, advertia que as greves mostravam a necessidade de “proteção sindical organizada”, queixando-se de que os “trabalhadores correntes” tinham recebido “a mínima porção da prosperidade econômica” da abertura da China ao mercado mundial.

21 - Os EUA têm o orçamento militar mais alto do planeta, que quase alcança o conjunto do resto do mundo.

22 - Linhas acima, assinalamos que a China já superou o Japão, convertendo-se na segunda economia do planeta.



Partido Comunista Revolucionário (PCR)

Brasil - 2011

Os marxista-leninistas têm a obrigação de atuar sobre todos os setores sociais suscetíveis de ser incorporados à luta política revolucionária e progressista; devemos estar presentes, e com independência de classe, em todos os acontecimentos políticos que são produzidos em cada um de nossos países e no contexto internacional. Em todas essas ações trabalhamos para elevar a consciência política da classe operária e dos povos, para organizá-los de distintas maneiras e diversos níveis. Acima de tudo, coloquemos no centro, neste aspecto, a construção do Partido do Proletariado, instrumento indispensável para a condução do processo revolucionário. Trabalhamos para que nossos partidos tenham enraizamento entre as massas e sejam o suficientemente hábeis e capazes para levar a proletariado ao poder e construir o socialismo.

Esse é nosso desafio e nos comprometemos a cumpri-lo.

Conferência Internacional de Partidos e Organizações Marxista-Leninistas Outubro de 2010

Notas:

1 - A salvação econômica deixou de pé uma série de bancos e empresas que puxam a produtividade econômica para baixo e impedem a recuperação dos lucros.

2 - Nestes 4,6% tem forte incidência o crescimento econômico da Ásia na primeira metade do ano.

3 - No caso do Japão representa 200% do PIB e é a cifra mais alta dos países capitalistas desenvolvidos.

4 - Nessa ocasião alguns títulos teriam perdido mais de 60% de seus valores: os do Accenture, de 40 dólares passaram a um centavo de dólar, os do Lear, de 74 dólares a 0,0001.

5 - A atividade econômica dos EUA teve, até junho de 2009, quatro trimestres de contração consecutivos pela primeira vez desde a Grande Depressão de 1930. Nesse período o PIB se contraiu 3,8 por cento, algo que não tinha ocorrido em sete décadas.

6 - Mais de 80% do comércio mundial se efetua em dólares.

7 - Em 1950, a proporção entre o pagamento do executivo médio e do trabalhador médio era cerca de 30 a 1. Desde o ano 2000, essa proporção aumentou entre 300 e 500 a 1.

8 - Global Research:

A situação internacional e as tarefas do Movimento Comunista Internacional

Três anos depois do aparecimento das primeiras manifestações da atual crise econômica o mundo continua sofrendo suas conseqüências e efeitos. O desajuste provocado na economia das potências imperialistas e dos estados capitalistas desenvolvidos, assim como dos países dependentes, é inegável. Não foram poucos os economistas e publicitários a serviço do capital que, diante de iniciais e relativas manifestações de recuperação em um ou outro setor da economia dos países capitalistas mais desenvolvidos, principalmente dos Estados Unidos, proclamaram o fim da crise e o início do ciclo de recuperação geral. Podemos analisar este fato sob o aspecto referente à crise cíclica no marco da crise geral.

Os ciclos de recuperação agora são curtos, débeis e frágeis. Como exemplo, podemos ver a queda de 2008-2009. Logo depois disto, a pequena recuperação experimentada em inícios de 2010 em poucos meses tornou a cair, expressão clara da influência da crise cíclica sobre a crise geral do capitalismo. Assim, produzir-se-ão efeitos mais amplos e desastrosos, parecidos com um terremoto que comoverão a vida econômica, política e social em todo mundo.

Entretanto, a quebra da economia grega e as similares dificuldades presentes na Espanha, Portugal, Irlanda e Itália evidenciam que vivemos um momento de maior aprofundamento da crise econômica do capitalismo, cujas conseqüências políticas e sociais estão à vista e projetam maiores dificuldades ao sistema.

A cada momento os círculos capitalistas se esforçam por demonstrar que esta crise teve como origem erros administrativos, de manipulação fiscal, de falta de ética nos círculos governamentais e financeiros que provocaram déficits econômicos ou processos especulativos. O certo é que é uma crise de superprodução relativa e sua causa radica na contradição existente entre o caráter social da produção e a apropriação privada dos bens e riquezas produzidas, que se apresenta como a contradição fundamental do sistema capitalista-

imperialista reinante.

“As crises – sustentamos no documento aprovado por nossa Conferência em novembro de 2009 – são fases inevitáveis do desenvolvimento capitalista; são conseqüências inelutáveis do modo de produção capitalista caracterizado por um desenvolvimento desigual e anárquico devido à busca do lucro e conquistas de mercados. As crises são o ponto culminante da contradição entre as forças produtivas e o modo de produção que se exterioriza com a detonação das crises”.

Medidas sem resultados efetivos

Para driblar os enormes problemas provocados pela quebra dos bancos nos EUA e outros países, a burguesia pôs em marcha mega pacotes estatais de ajuda ao setor financeiro e industrial que somaram ao redor de 24 trilhões de dólares, quer dizer, o equivalente a 40% do Produto Interno Bruto mundial. Assim, se evitou o que poderia ter sido uma quebra generalizada do sistema financeiro, freou-se a queda da economia mundial e se provocou uma pequena recuperação a partir do segundo semestre de 2009¹.

Entretanto, tal processo perde força e diversas análises, incluindo de organismos como o Fundo Monetário Internacional e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), advertem sua desaceleração até fins de 2011.

O crescimento mundial, segundo o FMI, decrescerá a 4,3% em 2011, frente aos 4,6%² deste ano. Para os economistas da ONU os dados são menos alentadores. Em maio deste ano (2010) prognosticaram um crescimento de 3% e de 3,1% em 2011, alertando a debilidade da recuperação. O Instituto de Finanças Internacionais, que agrupa os grandes bancos do mundo, o banco de investimento JP Morgan e a consultoria IHS Global Insight, também prognosticaram um declínio mais abrupto do crescimento que o FMI, referindo-se à severa redução do estímulo para 2011, um menor crescimento do setor manufatureiro, a consolidação fiscal na Europa e a queda na confiança do consumidor nos Estados Unidos e na Europa para justificar seu crescente pessimismo.

As previsões do FMI em relação à economia americana falam de um desenvolvimento de 2,9% no ano vindouro (2011), frente a uma expansão de 3,2% neste ano; para a zona do euro suas previsões dizem de uma expansão de 1,3% em 2011, comparado com 1% em

próprias dos partidos é tarefa prioritária, mas também o trabalho dentro de suas organizações naturais de massas.

Coisa similar ocorre com o movimento das mulheres. A tradição do movimento comunista internacional de efetuar um trabalho particular dirigido para as mulheres trabalhadoras e dos setores oprimidos deve estudar-se e desenvolver-se, para incorporar à luta política revolucionária este setor que constitui mais da metade da população mundial. Neste trabalho devemos superar o limite das reivindicações de gênero (com o que atuam insistentemente fundações e ONGs) para envolver essas ações na luta anticapitalista e antiimperialista.

Dados os nefastos efeitos que a exploração capitalista provoca na natureza, o movimento ambientalista se desenvolve e convoca para sua luta importantes setores da população. Entretanto, no fundamental, está orientado por posições que não deixam de ser favoráveis ao próprio sistema. É nossa obrigação atuar nele para orientá-lo para posições de classe e revolucionárias.

É obrigação dos comunistas, do proletariado revolucionário, liderar a luta ideológica em oposição ao capitalismo, seus flagelos e vícios, e pela sobrevivência e vigência do socialismo. Hoje em dia, desde as diversas vertentes da reação, se exhibe de maneira principal a idéia da superioridade do capitalismo e, como resultado, a obsolência do socialismo. Corresponde a nossos partidos desmascarar essas teses, demonstrar a natureza voraz e insaciável do imperialismo e do capitalismo, evidenciar seus flagelos e vícios, sua responsabilidade sobre a exploração, a opressão, a fome e a miséria de milhares de milhões de trabalhadores, o saque dos recursos naturais de todos os países, a apropriação da mais-valia gerada pelos trabalhadores de todos os países, a política guerreirista que assola os cinco continentes. De outro lado é indispensável promover por todos os meios a justiça e a vigência do socialismo, evidenciá-lo como a única e verdadeira solução à situação das classes trabalhadoras e da humanidade.

Simultaneamente, os revolucionários proletários assumem a tarefa de desmascarar e combater no seio do movimento operário e popular a incidência das idéias diversionistas que difunde a reação e a social-democracia, as propostas e as práticas do revisionismo e do oportunismo.

Este combate ideológico e político devem desenvolver-se em todos os terrenos, no âmbito da teoria, no cenário da organização social e do combate reivindicativo e político das massas trabalhadoras.

Na busca de cumprir com esse propósito trabalhamos para construir um poderoso movimento revolucionário de massas em que a classe operária jogue o papel de dirigente ideológico, político e organizativo.

O proletariado tem a responsabilidade – e a necessidade ao mesmo tempo – de atrair para sua causa as outras classes e camadas trabalhadoras e os setores e povos oprimidos. Sem esse contingente resulta impossível derrotar as forças inimigas da revolução.

Em todos os países – e com maior razão nos países dependentes – as bandeiras do antiimperialismo devem fazer parte de nosso cotidiano. Trabalhamos para constituir uma grande frente antiimperialista que se manifeste na ação, na luta e no combate dos trabalhadores e povos pela independência, pela liberdade, pela democracia e pela satisfação das necessidades materiais e do bem-estar social.

Preocupamo-nos pela unidade da classe operária, por imprimir um conteúdo revolucionário às suas ações e luta. Ela é a coluna vertebral do combate contra o capital e pela transformação social. Trabalhamos por construir um sindicalismo de classe desde a organização primária (o sindicato, primeiro instrumento de resistência da classe operária), através das correntes sindicais e com as centrais dirigidas por nossos partidos. Com isso fomentamos a luta de classes em todos os níveis.

Nos países europeus, assim como nos Estados Unidos e Canadá, há uma importante força: os trabalhadores imigrantes. Estes, com carteira ou sem carteira, formam parte da classe operária de cada país em que trabalham e são objeto de uma superexploração por parte dos monopólios. A política particular que sobre eles aplicam os governos merece também uma resposta específica de nossa parte.

Por efeito da natureza mesma do sistema capitalista e pela aplicação de políticas neoliberais cresce diariamente o setor dos sem-teto, sem-terra, sem-emprego. Estes, qualificados como excluídos, constituem um setor da população disposto a combater para assegurar sua subsistência e requer de nossa parte a atenção para dar forma organizativa à sua insatisfação e luta.

Em todos os locais em que a luta das massas se faz presente a juventude joga um papel destacado: a juventude trabalhadora, estudantil e dos grupos nacionais. Entre os jovens as idéias da mudança e da revolução penetram com maior facilidade, mas também podem ser presa fácil dos cânticos pacifistas da burguesia social-democrata. A organização política dos jovens através de frentes

2010. Os prognósticos para a Grã-Bretanha dizem que este ano seu PIB crescerá 1,2% (0,1 pontos percentuais menos em relação à estimativa anterior) e o crescimento em 2011 seria de 2,1%. Do Japão, o país que há várias décadas desempenhou a “evolução econômica mais pobre” e que em 2009 se contraiu em 5%, a ONU diz que a seu crescimento, que terá uma média de 1,2% em 2010 e 2011, “seguirá faltando brilho”. Os denominados países “emergentes” terão melhores resultados em 2010: o Brasil crescerá até 6,5%; a China se expandirá algo mais de 11%, e a Índia 8,3%, conforme assinala a OCDE.

A previsão é de que as economias latino-americanas cresçam 4,2% este ano, no qual influi a demanda de suas matérias-primas e o alto crescimento do Brasil, enquanto que em 2011 o crescimento seria de 3,9%. Quanto à África, o aumento das exportações e do preço das matérias-primas permitirá um crescimento global de 4,7% em 2010 e de 5,3% em 2011, segundo a ONU.

De acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD, sigla em inglês) o fluxo de investimento estrangeiro direto (IED) no mundo durante os últimos três trimestres de 2009 foi quase inalterado, melhorou bastante no primeiro trimestre de 2010, mas sem alcançar os níveis de 2007 e 2008. “Durante o último trimestre de 2009 apenas um punhado de economias, entre as quais estiveram a China, Hong Kong e Irlanda, receberam mais entradas de IED que o que registraram, em média, em 2007”, diz o texto. Segundo o documento, entre dezembro de 2009 e março de 2010, 63 países instrumentaram algum tipo de salvaguarda ou proteção para IED.

A crise está presente em todo mundo, embora existam países e inclusive regiões que conseguiram se “esquivar” de quedas recessivas de importância, como os denominados países emergentes, que possuem uma enorme fonte de mão de obra barata para a exploração capitalista e matérias-primas aproveitadas para o comércio internacional.

A débil recuperação das economias mais desenvolvidas alerta os graves problemas sociais: desemprego, diminuição dos níveis de consumo, aumento da pobreza. Os 31 países integrantes da OCDE precisam criar 17 milhões de postos de trabalho para voltar aos níveis de emprego anterior à crise (dezembro de 2007), cota impossível de cobrir em poucos anos e menos ainda no marco do sistema capitalista.

A propósito da crise revelada recentemente na Grécia, foi posto na berlinda o tema do endividamento estatal, que antes era visto como um problema dos países dependentes e menos desenvolvidos e hoje

afeta os países imperialistas e alcança níveis antes não conhecidos em sua relação com o PIB. A dívida pública dos EUA (15 trilhões de dólares) equivale a 90% de seu PIB, enquanto seu déficit fiscal anual chega a 11% do PIB. Os dados referentes ao conjunto da Europa são menores: a dívida pública representa 76,3% do PIB e o déficit anual é de 6,8%. Entretanto, vários países europeus, em separado, têm índices percentuais mais elevados que os registrados nos Estados Unidos: Grã-Bretanha 79,1% e 11,5% respectivamente; Espanha 64,9% e 11,2 %; Grécia 124,9% e mais de 13%, embora a origem da dívida neste caso seja distinta. Advirta-se que os países europeus superaram o déficit máximo de 3% comprometido no Tratado do Maastricht, que deu origem à União Européia e à zona do euro.

Este enorme endividamento³ provoca estragos e a exploração nas economias mais vulneráveis, como ocorre na Grécia e ameaça Espanha e Portugal, que não se encontram em condições de cumprir com os pagamentos e estão à beira do abismo, aguçando os problemas econômicos em toda a Europa e no mundo. Nessas circunstâncias o epicentro da crise se trasladou à Europa, mas não se circunscreve a ela, pois não perde seu caráter internacional e uma clara demonstração dessas conotações foi o colapso de Wall Street de 6 de maio⁴. Para os grupos financeiros americanos, os acontecimentos europeus lhes deixam de cabelos em pé, pois os dez maiores bancos desse país, entre eles o Goldman Sachs e JP Morgan Chase, têm enormes investimentos em Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha.

Neste marco aconteceu a reunião do G-20 em Toronto, Canadá (julho 2010), que foi cenário público das contradições interimperialistas sobre os pontos de vista distintos existentes nos EUA e na UE para sair da crise. Esta última, na voz da chanceler alemã Ângela Merkel, advogou pelo ajuste econômico, enquanto Obama defendeu a “sustentação econômica” por mais tempo, sob o risco de provocar “uma nova queda econômica”. Depois de assinalar que a recuperação é ainda “desigual e frágil”, que o desemprego se mantém em “níveis inaceitáveis” em muitos países e que o impacto social da crise segue sendo notável, o G-20 apostou na austeridade. Seus principais objetivos adiante serão reduzir o déficit público à metade para o ano 2013 e, no mais tardar em 2016, começar com o cancelamento da enorme dívida acumulada, embora os mecanismos para tal sejam definidos por cada país. É obvio, a diplomacia não esteve ausente em Toronto e por isso na Declaração falam também em seguir aplicando as “medidas de estímulo” para não afundar o crescimento.

internacional”.

Já há alguns anos o imperialismo norte-americano promove a idéia de que o mundo enfrenta uma guerra de civilizações, com isso pretende justificar seu guerrerismo e o afã de domínio mundial. Em todo planeta se expressam com clareza as contradições interimperialistas, a grande contradição entre os povos e nações oprimidas e o imperialismo e a contradição que caracteriza a nossa época, a que se manifesta entre o trabalho e o capital, entre a classe operária e a burguesia. Todas estas se manifestam agudamente nos atuais momentos e geram melhores condições para a luta da classe operária e dos povos e para o desenvolvimento do trabalho revolucionário que os marxista-leninistas levam adiante para o triunfo da revolução social do proletariado e a construção do socialismo.

O domínio que o capital imperialista conseguiu estabelecer em todo o planeta, a constatação das crises cíclicas do capitalismo como elementos intrínsecos a ele, o desenvolvimento que a luta da classe operária e dos povos vai adquirindo em todo o planeta confirmam a análise leninista de que vivemos a época do imperialismo e das revoluções proletárias e em função disso reafirmamos as tarefas estratégicas que corresponde ao Movimento Comunista Internacional cumprir e as que a conjuntura nos obriga.

Nossas tarefas

A reação ante a crise se expressou em multitudinárias mobilizações da classe operária e da juventude nos países imperialistas e em todo mundo, embora não tenham alcançado níveis mais altos que o protesto. Entretanto, cresce a necessidade da unidade e de organizar-se, de construir e fortalecer suas organizações.

A experiência da luta das massas hoje em dia nos mostra que os trabalhadores devem converter seus sindicatos em centros de luta e formar seus partidos políticos para enfrentar a burguesia e conquistar a vitória. Esta realidade nos dá a responsabilidade de aumentar o nível de trabalho entre as organizações da classe operária.

As condições econômicas, políticas e sociais existentes hoje no mundo não fazem outra coisa que confirmar o estado de decomposição do sistema capitalista e a necessidade incontestável de avançar no processo de organizar a revolução para implantar a sociedade dos trabalhadores, o socialismo. Esta responsabilidade histórica os marxista-leninistas a assumem.

e nacionalistas que percorrem o continente. Foi posta em ação a IV Frota da Armada norte-americana e são estimulados golpes de estado.

O incremento do gasto militar americano, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia dirigidas ao aperfeiçoamento da capacidade militar, o afã confesso de manter sua hegemonia mundial permitem assegurar que os círculos dominantes dos EUA preparam freneticamente uma ofensiva militar generalizada.

Não obstante sua capacidade militar, vê ameaçado seu poder e influência por ação de outras potências como a União Européia e a China. Esta última emerge com força e os EUA se inquietam por isso²². Em geral, os denominados “países emergentes” são uma preocupação para os EUA, a UE e o Japão. Projeta-se que para o período 2020-2025 a participação dos países emergentes no Produto Mundial Bruto representará perto de 60%, correspondendo à Ásia 45% desse incremento. Isto mostra que se produzirá uma importante mudança na correlação de forças em nível mundial apesar dos intentos das forças imperialistas por detê-la.

Por isso os EUA forçam uma redistribuição das zonas de domínio e influência. As regiões do Leste Europeu, Ásia Ocidental e Ásia Central se converteram em ponto de conflito entre os EUA, Rússia, UE e China pelo controle de fontes energéticas. Ali os EUA realizam investimentos e brindam ajuda econômica e militar a alguns governos surgidos depois da dissolução da ex-URSS. O mesmo fazem outras potências. Coisa similar ocorre com o Oriente Médio, região pisada pelas tropas americanas; igual à África, Yemen, Somália e, em geral, o Chifre da África são zonas “quentes” de intervenção direta do imperialismo ianque para controlar uma região rica em petróleo e recursos minerais e deixar de fora a China e seus aliados europeus.

Enquanto os EUA abrem espaço nesses pontos do planeta, de forma “silenciosa” a China expande sua presença econômica na América Latina e África a custa de capitais europeus e mesmos dos Estados Unidos. A UE tinha o propósito de ampliar sua presença na América Latina (para tal impulsionou a assinatura dos TLC's), mas topou com a presença de um competidor mais ágil e forte que ganha terreno.

As potências imperialistas brigam entre si, mas também colaboram entre elas em muitos aspectos e campos para impor as regras de dominação do capital em escala internacional, para enfrentar a luta dos povos e o que denominam de “terrorismo

Recorrer ao ajuste fiscal nas condições atuais põe a economia mundial novamente à beira da recaída recessiva. A melhor forma de enfrentar o déficit fiscal é com altas taxas de crescimento estável, mas a austeridade definida em Toronto provocará o contrário. A burguesia financeira procura assegurar a recuperação de seus investimentos mesmo que isto provoque a queda da produção e das arrecadações estatais.

A recuperação econômica é extremamente frágil e, o pior, há indícios de que se produza uma nova recaída. Paul Krugman, prêmio Nobel de Economia, compara a atual situação com a chamada “Longa Depressão” de finais do século XIX. “Temo – diz Krugman – que agora nos encontramos nas primeiras etapas de uma terceira depressão. Provavelmente seja mais semelhante à Longa Depressão e muito mais grave que a Grande Depressão. O custo para a economia mundial e, sobretudo, para as milhões de vidas açoitadas pela falta de emprego será enorme”. Quando se define uma crise econômica como uma depressão se está entrando em terrenos pelos quais o capitalismo mundial não transitou em longas décadas. Uma situação desta natureza colocará em novos níveis as contradições e as confrontações de classe tanto como as contradições interimperialistas.

Os Estados Unidos da América do Norte

Em fevereiro de 2009 Barack Obama conseguiu que o Congresso dos EUA aprovasse um “pacote de estímulos” que continha reduções fiscais de 288 bilhões de dólares, gastos em programas de educação, saúde, benefícios para o desemprego na ordem de 224 bilhões de dólares e empréstimos e concessões federais de 275 bilhões de dólares. Isso ocorreu quando o PIB americano desabava em “queda livre” (no primeiro trimestre de 2009 caiu 6,4%⁵) e pôde reverter a tendência, ao ponto que no último trimestre desse ano se observou um crescimento positivo. Entretanto, já se verifica que os efeitos dessas medidas estão chegando a seu limite e se não mediar ações similares o imperialismo americano poderá consumir-se no estancamento por longo tempo. A pergunta é se o governo e o congresso estão dispostos e em condições de fazê-lo.

Mas não foi só o “mega pacote” estatal que permitiu essa recuperação. Sua condição de potência imperialista hegemônica possibilita aos EUA extrair mais-valia de todas as partes do mundo e, ao ser o dono do dólar, imposto como moeda mundial⁶, emite-o sem

nenhum controle quando considera necessário.

Soma-se também que a burguesia pôde descarregar a crise sobre as costas dos trabalhadores. Nos últimos trimestres a massa salarial total diminuiu 5% enquanto o PIB crescia 3,2%, o que nos permite concluir que os níveis de exploração capitalista se elevaram, pois a produtividade da força de trabalho cresceu quase 9% graças ao aumento do desemprego e à diminuição salarial⁷. Na atualidade, mais de 40% dos empregados trabalham em postos de serviço de baixo salário; 24% de trabalhadores declaram ter adiado sua aposentadoria planejada no ano passado; mais de 1,4 milhão acorreram à bancarrota pessoal em 2009, 32% a mais que 2008, e em março deste ano mais americanos apresentaram uma solicitação nesse sentido que durante qualquer outro mês desde que em outubro de 2005 endureceram os termos da Lei de Bancarrota dos EUA⁸.

Os Estados Unidos enfrentam um grave problema social: o desemprego, segundo cifras oficiais, beira os 10% da população⁹, mas existem estudos que denunciam ser tudo maquiagem. Uma enorme dificuldade se tomarmos em conta que sua economia requer a criação de ao menos 125 mil empregos mensais, mas com o atual ritmo de crescimento econômico não se chegará à cifra de 100 mil empregos novos cada mês. No transcurso deste período recessivo foram eliminados 8 milhões de postos de trabalho no setor privado, problema que os EUA arrasta consigo devido à relativa desindustrialização que enfrenta há 25 anos.

A pobreza se estendeu. Perto de 40 milhões de americanos (quer dizer 1 de cada 8 habitantes) recebem cupons de mantimentos e mesmo que esta cifra represente um recorde de todos os tempos, no futuro imediato as coisas serão piores, pois o Departamento de Agricultura anuncia que em 2011 mais de 43 milhões de pessoas acorrerão a esse programa.

Além dos pequenos resultados obtidos em fins de 2009, o socorro estatal fracassou: a economia americana não sai da crise. A enorme dívida do Estado e seus gigantescos compromissos financeiros podem levar o déficit fiscal a 14% do PIB. Nas esferas de governo se discute como enfrentar a atual situação e se fala de reduzir o gasto público ou duplicar os impostos. Se a dívida pública representa 90% do PIB, a dívida total (governamental, corporativa e pessoal) chega a 360% do PIB, nível jamais alcançado, incluindo a época da Grande Depressão. Nos Estados Unidos não só foram destruídas empresas industriais e milhões de postos de trabalho, mas também se criou a maior bolha da dívida na história¹⁰.

marxista que anulou a democracia e os direitos ao povo”. A manipulação de posturas intermediárias (terceira via) foi uma constante na história política do século passado, e ainda procura atear-se a ela. Em todos os casos essa terceira opção se opôs ao socialismo marxista e agora ocorre o mesmo com propostas como as do denominado “socialismo de século XXI”, que não é mais que uma proposta favorável ao sistema imperante.

Nestas circunstâncias ganha força o combate ideológico e político que os partidos e organizações marxista-leninistas devem realizar contra a social-democracia, o reformismo e o revisionismo interessados em capitalizar a seu favor um desejo de mudança que cresce em todo mundo. Enfrentar essas posições contra-revolucionárias é uma necessidade política para avançar no processo de organização da revolução proletária.

A política agressiva e predatória do imperialismo continua ao mesmo tempo em que se expressam conflitos e confrontos interimperialistas.

Em meio à aguda crise econômica que oprime o mundo, as contradições interimperialistas estão presentes não só nas medidas que umas e outras consideram pertinentes para driblar os problemas, mas sobretudo, porque o afã de expansão e controle de novos mercados e zonas de influência definem o conteúdo de todos seus movimentos econômicos, políticos e militares.

Os Estados Unidos continuam sendo a principal potência imperialista por sua capacidade econômica, política e militar que, em meio a interesses contrapostos, obrigaram aos outros países imperialistas apoiar seus planos políticos e militares ou a manter uma oposição passiva, como nas invasões ao Afeganistão e Iraque. Seu controle político não seria possível sem o concurso do poderoso aparelho militar presente em 140 países do planeta, dividido em mais de 800 bases militares²¹. A agressividade do imperialismo americano é sua marca registrada e ameaça o Irã e a Coreia em fazer o mesmo que fizeram no Afeganistão e no Iraque, apóia o sionismo israelense em seus ataques ao povo palestino.

A África é vítima da agressão imperialista norte-americana assim como dos outros países imperialistas da UE e da China. Fomentam-se conflitos tribais e nacionais, ocupam-se territórios e países.

A América Latina, considerada o pátio traseiro do imperialismo yanque, é objeto das ameaças e chantagens a fim de submeter plenamente os governos da região e sufocar as expressões patrióticas

promovem ações criminosas contra seus próprios povos ou atacam conflitos étnicos em países vizinhos e nos seus. Cinquenta anos depois de iniciado o processo de descolonização africana, o desenvolvimento do capitalismo no continente provocou um novo processo de colonização econômica. Os olhares dos monopólios imperialistas estão na África para continuar apropriando-se de suas riquezas minerais e de suas terras, o que provoca a resistência e a revolta dos trabalhadores e populações do campo.

Igualmente como no resto do mundo, os trabalhadores africanos também combatem. Em Marrocos, no fim do ano passado se produziu uma importante luta dos mineiros por reajustes salariais; na África do Sul, uma greve convocada por tempo indeterminado paralisou mais de um milhão de trabalhadores públicos, provocando graves estragos no governo do Congresso Nacional Africano (apoiado pelo Partido Comunista revisionista); igualmente foram provocadas ações de luta de 31.000 operários do setor automobilístico. Em Moçambique uma revolta popular contra o alto custo de vida que durou três dias, iniciada nos bairros periféricos da capital Maputo, recordou todo o país as “revoltas da fome” produzidas em 2008. Ações similares a estas são produzidas em vários países, mostrando ao continente porque seus povos brigam contra a crise e pela vida.

Há que destacar que em todo lado está presente o contingente juvenil, em meio das lutas gerais como também hasteando reivindicações particulares. Na Europa a juventude é uma das vítimas principais do desemprego; na América luta em torno de seu direito à educação pública.

Em geral, em todo o planeta ganha força a luta dos trabalhadores e dos povos provocando mudanças na correlação de forças políticas e sociais. O importante é que em muitos lados as bandeiras revolucionárias e socialistas abrem caminho e penetram na consciência de milhares de combatentes proletários. A desconfiança no capitalismo e nos políticos burgueses cresce e a busca da mudança econômica, política e social toma corpo.

Entretanto, isso não significa que a burguesia tenha perdido a iniciativa. Como ocorreu no passado, frente a circunstâncias de crise, setores dela apelam ao discurso e à proposta reformista, falam contra o neoliberalismo e inclusive do desumano capitalismo para continuar enganando os trabalhadores e mantendo o sistema de exploração.

Em meio à crise e ao descontentamento das massas a social-democracia procura, uma vez mais, apresentar-se como opção “frente a um neoliberalismo que engendrou mais pobreza e a um socialismo

Outro indicativo é o déficit orçamentário que este ano excederá 1,3 trilhões de dólares¹¹, um pouco menos que a cifra do ano passado, mas equivalente ao segundo pior déficit dos últimos 65 anos. O tema é tão complexo que, por exemplo, as autoridades de Detroit emitiram em março passado bônus municipais com prazo de 20 anos por um valor de 250 milhões de dólares para compensar um déficit orçamentário previsto de 280 milhões de dólares, advertindo que se a condição financeira não melhorasse a cidade “poderia ver-se obrigada a declarar bancarrota”. De acordo com informações aparecidas no *EconomicPolicyJournal.com*, trinta e dois estados carecem de recursos para cumprir com pagamentos de seguro desemprego e por isso o governo federal os está administrando para que honrem esse compromisso.

Se os dados relacionados ao déficit orçamentário e ao endividamento são arrepiantes, pior é saber que para “salvar” os EUA são necessários 6 trilhões de dólares. Sendo assim as coisas, não há bons presságios. Nuriel Rubintz, analista mundial de renome que previu a crise de 2008, assegura que não cabe esperar antes de 2013 uma melhora da situação na economia americana.

A crise sacudiu a economia dos EUA profundamente, seu modelo econômico (grande consumo interno em alto nível através do déficit de comércio e endividamento confiando em seu monopólio da moeda mundial e em sua grande economia que, por conseguinte, promove o ingresso de capital internacional no país) não tem futuro.

“A guerra de divisas” e “a cota de exportação” que os EUA tentam impor à China e à Alemanha, principalmente, são “remédios” para enfrentar seu grande problema.

A quebra deste modelo econômico diminuirá também as oportunidades de criar demandas artificiais além de outros resultados.

As políticas mantidas por décadas que têm como fim baixar o salário real, agora enfrentam novos dilemas.

A crise de 2008-2009 nos EUA não só atua sobre a relação capital-trabalho, mas, além disso, conduz à mudanças e choques nas posições de todas as classes.

A relativa “tranqüilidade” imperante no interior dos EUA nos últimos 40 anos ficará completamente no passado; por isso podemos prever que a luta de classes e os conflitos internos esquentarão de novo.

Os EUA podem utilizar sua superioridade na economia mundial só à custa de consumir hoje suas oportunidades de futuro. Um exemplo concreto disto é que começaram a injetar 600 bilhões de

dólares no mercado.

Entretanto, esta mudança causará, em médio prazo, dificuldade para manter a posição do dólar como moeda mundial, mas no curto prazo talvez dê oportunidade para tomar um pouco de ar na economia e manter o dólar, embora em uma posição de perigo. Por tudo isto, a perda da função do dólar como moeda internacional é uma questão de tempo. A crise de 2008-2009 deu um novo impulso ao desenvolvimento desigual entre as economias dos países capitalistas.

A União Européia

O ano de 2009 marcou uma inflexão para a União Européia (UE), pois sua economia caiu 4%, a pior cifra desde a Segunda Guerra Mundial, e sua produção industrial afundou 20%, levando o aparato industrial a níveis que tinha em meados dos anos 90 do século passado. As previsões de crescimento, conforme assinalamos linhas acima, são de 1,3% em 2011, comparado com 1% este ano. Entre os países da zona do euro, a Grécia vive uma profunda crise e Espanha, Portugal e Irlanda apelam à austeridade fiscal para impedir a quebra, ao mesmo tempo em que Alemanha e França registram tênues expansões.

Na Inglaterra, o governo ordenou um corte fiscal de 100 bilhões de euros do orçamento para a assistência social que provocou grandes mobilizações de 20 mil jovens estudantes.

Alguns analistas esperavam que o ligeiro crescimento que expressa a região servisse para gerar novos postos de trabalho, entretanto o desemprego segue crescendo e, em março, alcançou 9,6% na UE e 10,1% na zona do euro, a taxa mais alta em doze anos. 23 milhões de desempregados vivem na UE (7 milhões a mais que há vinte anos), dos quais 15 milhões e meio vivem na zona do euro. É previsto que as cifras cresçam.

Os mais altos níveis de desemprego estão na Espanha (19,7% em geral e 40% entre os jovens) e Letônia (22,3%). Os índices mais baixos são registrados na Holanda (4,1%) e na Áustria (4,8%). A França sofre com 10,1% de desemprego e a Irlanda 13,2%.

A Alemanha, com 7,3%, é o único país que registrou uma diminuição interanual devido ao programa de redução nos horários de trabalho (o que evitou demissões em massa) e porque está se beneficiando da crise grega que, entre outros aspectos, provocou a baixa do euro, incrementando suas exportações.

8% da população européia têm um emprego que não lhes

na América Latina. Expressão disso é a existência de alguns governos democráticos e progressistas que sentem a pressão dos povos para que avancem em suas propostas, golpeiem os setores dominantes e adotem medidas econômicas e políticas para romper a dependência. Frente a isso, unido aos desejos de alguns setores de renegociar a dependência, estão surgindo algumas iniciativas que afetam alguns interesses dos Estados Unidos, como a constituição da UNASUL e da ALBA.

Na Ásia a luta da classe operária se estende a vários países, particularmente pelos miseráveis salários que recebem por extenuantes jornadas de trabalho. Na China, Bangladesh, Camboja, Vietnam, Índia, Indonésia, etc. se mobilizaram ou se declararam em greve milhões de operários nestes meses. Os trabalhadores têxteis de Bangladesh (que trabalham para transnacionais e são os mais mal pagos no mundo), logo depois de uma longa greve e violentas manifestações de protesto, alcançaram um aumento de 80% em seus salários, o que agora lhes permite ter um salário mínimo de US\$ 43 mensais¹⁹, apesar de que a aspiração era chegar aos US\$ 75; no Camboja os operários obtiveram um incremento de 21% (de US\$ 50 para US\$ 61) depois da pressão exercida pelos 273 sindicatos mais ativos que ameaçaram com uma greve de três dias em toda a indústria; no Vietnam, golpeados por uma inflação de 9%, no ano passado se produziram 200 paralisações e se declararam em greve quase 10.000 assalariados de um fabricante taiwanês de sapatos; na Indonésia, a inícios do segundo semestre deste ano, mais de 40.000 trabalhadores têxteis efetuaram paralisações no Bandung para rejeitar o aumento dos preços da eletricidade; na Índia, entre os trabalhadores da Nokia (de origem finlandesa), da Bosch (produtor alemão de autopeças), da Hyundai (da Coreia do Sul), da Volto (da China) e de muitas mais companhias transnacionais, os protestos e o mal-estar são crescentes. As greves e protestos na China incorporaram milhões de trabalhadores e obtiveram importantes aumentos salariais²⁰ que obrigaram algumas empresas a transferirem seus investimentos a outros países da região – com salários mais baixos – nos quais agora também enfrentam a luta do proletariado contra a exploração.

Na Ásia não só se encontram algumas economias emergentes, há também um proletariado emergente nascido fruto do deslocamento de capitais para a região, que agora promove verdadeiras rebeliões sociais em alguns países.

A agitação política e social na África também é alta. Regimes reacionários de vários países, apoiados por governos estrangeiros,

trabalhadores”.

O movimento operário europeu na atualidade dá mostras de sua recuperação política e se coloca como referência de luta para os trabalhadores do mundo. Nesses combates fica assinalado o papel do proletariado como o antagonismo fundamental do sistema capitalista. Ali também se articula a resposta combativa dos trabalhadores migrantes – com ou sem carteira – contra as políticas xenófobas e racistas aplicadas pela União Européia e igualmente vítimas dos planos de ajuste.

Nos EUA ganha força o protesto dos migrantes contra leis – como a aprovada no estado do Arizona – que penalizam a condição de trabalhador “ilegal”. Um importante movimento de massas vai se configurando a respeito, que ultrapassa a fronteira dos EUA e conta com a solidariedade dos trabalhadores americanos.

O México foi, e continua sendo, cenário de maciças ações de protesto de trabalhadores dos setores estatal e privado, de maneira particular do magistério.

No resto da América Latina a luta de massas tem semelhanças e ainda maiores conotações. A recuperação do movimento operário argentino é notória; no Chile toma força o combate da juventude estudantil contra os planos de privatização da educação, dos professores por causa similar e por reivindicações econômicas particulares e os povos indígenas levantam sua voz e lutam para exigir respeito pelos seus direitos nacionais; na Bolívia a luta de massas se move em várias direções: exige do governo o cumprimento de algumas promessas que não se materializaram e também enfrenta os movimentos e ações conspiradoras e divisionistas empreendidas pela oligarquia e pelo imperialismo americano; o povo peruano enfrenta um governo reacionário que se atém à política fundomonetarista, que em sua gestão tirou a vida de vários combatentes; no Equador o povo vive um momento de desencanto frente a um governo desenvolvimentista que traiu suas aspirações e toma as ruas para enfrentá-lo e demandar atenção às suas necessidades; a Venezuela é centro de uma aguda confrontação política entre as forças que apóiam o governo de Hugo Chávez em seu projeto progressista e a direita reagrupada por Washington para pôr fim ao processo; na Colômbia também se abre uma resposta de massas à política do grupo reacionário entronizado no governo que busca o apoio das forças mais atrasadas do planeta em apoio a uma criminosa política contra-insurgente.

O combate das massas e o desenvolvimento de sua consciência provocaram uma mudança na correlação de forças políticas e sociais

permite sair da pobreza e 80 milhões vivem no limiar desta. De acordo com medições do Eurobarômetro, um em cada seis europeus chega com dificuldades ao fim do mês e com problemas para pagar faturas de serviços de primeira necessidade como eletricidade, água ou calefação e inclusive para encher a cesta de compra. A mesma entidade sustenta que há uma percepção de pobreza generalizada que alimenta os temores de um futuro sombrio.

A explosão da crise grega aumenta essa incerteza, mas, sobretudo, permite aos trabalhadores e aos povos verem no que deram as políticas que, igualmente, governos social-democratas e neoliberais aplicaram durante os últimos anos. Pôs também na mesa de debate para que serve a União Européia e quem são os que estão se beneficiando de sua existência.

A UE e a zona do euro, instrumento da burguesia financeira para defender um espaço e fazer frente aos capitais americanos, sacodem-se devido a profundas contradições internas. Nelas convivem países com desenvolvimento econômico e produtividade desiguais. Para os menos desenvolvidos (como a Grécia, Portugal ou Espanha) sua integração significou processos de desindustrialização e crescimento de ramos sujeitos a condições conjunturais (turismo, construção, comércio), mostrando-se muito mais frágeis perante a crise, enquanto as economias maiores (como Alemanha e França) beneficiaram-se, por exemplo, forçando os primeiros a um superendividamento¹².

A existência do euro como moeda comum sem unificação dos países (coisa impossível no marco do capitalismo devido às contradições inter-burguesas) provoca conflitos que alguns qualificam como insuperáveis e que se tornam demasiadamente evidentes em meio à atual crise. A UE e a zona do euro estão em risco e para salvá-las a burguesia pôs em jogo um pacote conjunto de cerca de um trilhão de dólares para sustentar o euro, afetado por uma contínua queda em sua cotação internacional. Mas seu efeito foi nulo, pois o impulso inicial à divisa durou muito pouco.

Frente a essa situação, o presidente do Banco Central Europeu, Jean Claude Trichet, declarou em uma entrevista ao semanário alemão Der Spiegel que a Europa está “sem dúvidas na situação mais difícil desde a Segunda Guerra Mundial, talvez desde a Primeira. Temos vivido e vivemos tempos verdadeiramente dramáticos”. Com surpreendente sinceridade, acrescentou que o pacote de apoio ao euro era “só para ganhar um pouco de tempo”.

Os desequilíbrios entre os países capitalistas da UE exacerbaram-se tanto que países como a Alemanha e a França têm

proposto uma revisão do Pacto de Estabilidade Europeu que afetará a soberania dos outros países, pois impediria aos países que recebem ajuda financeira seu direito de voto na Comissão Européia, o que trará conseqüências políticas.

Em um cenário desta natureza, a UE (com a intervenção do FMI) propõe medidas anti-crise que têm o selo do ajuste orçamentário (que aumentará o desemprego) e a intenção de descarregar a crise sobre as costas dos trabalhadores e dos povos. Os primeiros planos, antes da reunião do G-20, em julho, em Toronto, foram aplicados na Grécia e na Espanha e a resposta dos trabalhadores foi excepcional.

Certamente a burguesia não esperava uma resposta desta natureza. Na Grécia a classe operária respondeu com várias greves gerais e na Espanha o repúdio também teve conotações gerais e combativas. A palavra de ordem *“Que a crise seja paga pelos capitalistas, que são os responsáveis, e não pelos trabalhadores”* corre a Europa e constitui um exemplo para os trabalhadores e povos do mundo.

Os denominados “países emergentes”

Não obstante a crise do capitalismo ser mundial, não é menos certo que há países que puderam driblar certos problemas na magnitude como se apresentaram nas principais economias capitalistas. Esse é o caso de alguns dos denominados “países emergentes”, entre os quais se destaca a situação da China e da Índia.

Os resultados do crescimento econômico mundial em 2009 teriam sido piores (igual às projeções para este e para o próximo ano) não fosse pelo ritmo de crescimento da China, Índia e Brasil. No ano passado a economia da China cresceu 8,7%, Índia 5,6% e Brasil 4,7%, segundo dados do FMI. Entre os países integrantes do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), a Rússia foi o único que finalizou o ano com saldo negativo, pois teve uma contração de 7,9%. Cabe ressaltar o inegável potencial do BRIC: abrange 40% da população mundial, cobre 14,6% do PIB mundial e nos últimos anos seu ritmo de crescimento econômico foi de 10% anual.

A China possui o mais alto índice de crescimento no mundo, que teve média anual de mais de 9,5% desde 1978, ano em que iniciou um programa de reformas macroeconômicas para devolvê-la ao caminho do capitalismo. Essa ascensão econômica ininterrupta lhe permitiu ultrapassar a Grã-Bretanha e a França em 2005, a Alemanha em 2007 e recentemente o Japão, convertendo-se na segunda maior economia

regimes neocoloniais instaurados pela França sofrem a resistência dos povos. O imperialismo americano, a China e as potências regionais como Índia, Brasil, Irã, intervêm significativamente no continente africano.

2 - O continente africano, rico em matérias-primas, petróleo, urânio, terras cultiváveis, entre outras riquezas, é uma zona de grande interesse para os monopólios, se se tiver em conta que a debilidade relativa do imperialismo francês já não conta com meios para aplicar sua política neocolonialista.

A crise golpeia os Estados africanos, obrigando seus dirigentes corruptos a entregar-se a outras potências imperialistas, desenvolvendo guerras de rapina que aparecem como guerras inter-étnicas.

O movimento operário e popular africano enfrenta importantes lutas por suas reivindicações econômicas e políticas e busca superar a debilidade das estruturas do movimento democrático e revolucionário.

A África em seu conjunto reúne condições para a revolução, mas o limitado desenvolvimento das condições subjetivas ainda não alcança a correspondência com as amadurecidas condições objetivas. A constituição e desenvolvimento dos partidos marxista-leninistas é uma necessidade imperiosa para impulsionar a luta da classe operária e dos povos por sua libertação nacional e social.

Os trabalhadores e os povos respondem à crise com mobilização

Depois de utilizar vários trilhões de dólares estatais (quer dizer, recursos de propriedade dos trabalhadores e dos povos) para salvar o setor financeiro e as empresas industriais, agora a burguesia vai aos bolsos dos trabalhadores com medidas de ajuste para a recuperação do sistema, a fim de aumentar os lucros e garantir que os negócios dos capitalistas não vão à falência.

Tais pacotes respondem à conhecida lógica neoliberal do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial aplicada durante quase três décadas e que provocou o empobrecimento maior das massas trabalhadoras em todo o planeta. Mas a resposta da classe operária européia não se fez esperar e com greves gerais e grandes mobilizações na Grécia, França, Espanha, Alemanha e Itália enfrenta os planos de ajuste e hasteia a bandeira de “que a crise seja paga pelos capitalistas, que são os responsáveis por ela, e não pelos

projetos de investimento estão concentrados em matérias-primas, exploração de cobre, petróleo, ferro, no setor de transporte e na indústria manufatureira.

África

A crise mundial do capitalismo, na África de maneira particular, traduziu-se no aumento da fome e da pobreza. Segundo um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) do ano 2009, de uma lista dos 24 países com índices de desenvolvimento mais baixos do mundo, 22 deles são países africanos e todos eles subsaarianos. Ao redor de 16 milhões de pessoas estão vivendo com menos de 1,25 dólares ao dia.

Entretanto, para o FMI a recuperação econômica do continente apresenta “bom ritmo” em conjunto, embora de forma bastante diversa. Entre os países do Oriente Médio e Norte da África é projetado um crescimento do PIB equivalente a 4,5% em 2010 e a 4,75% em 2011, para o qual incidiria a elevação do preço das matérias-primas e a maior demanda externa que provocariam o aumento da produção e das exportações.

A África subsaariana teria este ano um crescimento de 4% e de 6% em 2011. Isso seria fruto da aplicação de políticas contra-cíclicas e do “grau relativamente escasso de integração da maioria das economias de baixo rendimento na economia mundial e o impacto limitado em seus termos de intercâmbio”¹⁸. Sendo isso assim, não é menos certo que os problemas da economia mundial incidem negativamente no desenvolvimento destes países.

A África é um continente objeto de importantes interesses para as potências imperialistas que se enfrentam pela partilha do mundo. A posição geoestratégica no que diz respeito às vias de distribuição e transporte de hidrocarbonetos para as metrópoles imperialistas faz deste continente uma zona de disputa.

O aprofundamento da crise do sistema imperialista mundial tem no continente africano as seguintes conseqüências:

1 - O aguçamento das contradições entre as diferentes potências imperialistas para saquear a África como parte da luta que enfrentam pela partilha do mundo.

As antigas potências coloniais, como França, Grã-Bretanha, Espanha e Portugal, perdem influência no continente; o fracasso e a crise do neocolonialismo, principalmente do francês, é patente e os

do planeta (depois do EUA), com as maiores reservas do mundo. Este crescimento contou com dois pilares básicos: a presença de enormes investimentos estrangeiros e a exploração de uma inesgotável fonte de força de trabalho barata.

Assim como no ocidente, uma vez estalada a crise o governo chinês injetou 600 bilhões de dólares para apoiar os setores industrial, agrícola e de serviços e impulsionar a demanda interna, com o que pôde manter os indicadores econômicos similares aos de 2008. Entretanto, igual à Índia, desacelerou seu crescimento; suas exportações (que geram 80% de receita) reduziram-se em 25% durante o primeiro semestre de 2009. Tal fenômeno também se produziu no transcurso deste ano.

É um fato que a débil recuperação da economia mundial não ajuda para um crescimento maior da economia deste país asiático; mas por sua vez, seus níveis de crescimento incidem positivamente na economia global.

Agora o governo combina duas políticas: a eliminação de estímulos econômicos (apesar disso mantém seu crescimento¹³) e o impulso de 23 grandes projetos de infra-estrutura em províncias menos desenvolvidas da zona ocidental, a um custo combinado em torno de 100 bilhões de dólares.

A China é o principal credor dos Estados Unidos, mas tem também um aparato industrial dependente em boa medida de capitais estrangeiros, principalmente americanos. Previne-se da volatilidade dos mercados internacionais e por isso não permite que sua moeda seja intercambiada livremente (a não ser para propósitos comerciais e investimento estrangeiro direto), o que foi ponto de contradição com o imperialismo norte-americano.

Atualmente no mundo capitalista não há uma locomotiva como foram os EUA no passado pelas grandes dificuldades que têm; a China, por outro lado, não pode assumir esse papel porque, em que pese o seu grande desenvolvimento econômico, sua produção não está dedicada ao seu mercado interno, mas principalmente à exportação.

Na Índia é previsto um crescimento de 8,3% neste ano, segundo a OCDE, e o governo espera ter uma expansão de 12% em 2012. O desenvolvimento de sua economia se viu favorecido pelo baixo custo da força de trabalho e se encontra concentrada no setor de serviços, na indústria automotriz e na produção e exportação de software, ocupando o primeiro lugar na exportação desses produtos e de serviços informáticos. Um dado importante é o relacionado à atividade

de fusões e aquisições de empresas, que no primeiro semestre deste ano chegou a uma soma sem precedentes (47,8 bilhões de dólares), montante que supera em 48% o máximo anterior, correspondente a 2007.

O crescimento do Brasil também tem como base uma força de trabalho barata e grandes investimentos estrangeiros, particularmente dos EUA e nos últimos anos da China, que em 2009 se converteu no seu maior sócio comercial¹⁴.

Quanto à Rússia, líder mundial na exportação de matérias-primas e hidrocarbonetos, segundo o Banco Mundial, para 2010 terá um crescimento de 5,5%, apontando que este acelerado ritmo está condicionado pelos baixos indicadores iniciais.

A crise econômica tornou a confirmar que estes países dependem em grande medida dos países capitalistas mais desenvolvidos. Os ambiciosos planos que os governantes desses países se propuseram estão entre isso, em uns casos e, em outros, fora de ser cobertos.

Apesar de o crescimento também perder vigor nos denominados países emergentes, suas quedas são, até o momento, moderadas e produzidas desde uma base de comparação alta. Agora na economia global há uma dupla preocupação: nos países capitalistas desenvolvidos, pela lentidão do crescimento, preocupa-lhes uma possível recaída; nos países emergentes, por seus níveis altos de crescimento, preocupa-lhes a possibilidade de um superaquecimento, que poderia manifestar-se em problemas financeiros.

O rápido crescimento das nações emergentes provocará uma mudança na correlação de forças econômicas em nível mundial para o ano 2030¹⁵. Segundo um estudo divulgado pela OCDE, seus 31 países integrantes “não representarão mais de 43%” da economia mundial nesse ano, enquanto agora representam 51% e no ano 2000 representavam 60%; por sua parte, os países emergentes constituirão 57% do PIB mundial em 2030. Essa mudança se iniciou na última década, mas se acelerou por conta da crise atual.

A América Latina e o Caribe

Os efeitos da crise na América Latina e no Caribe foram evidentes, pois os dados correspondentes a 2009 falam de um crescimento de -1,8%. Segundo vários estudos, sua recuperação para 2010 e 2011 seria significativa; para os dois anos se prevê que seu PIB crescerá a uma taxa de 4%, respectivamente, segundo estimativas do

FMI efetuadas em abril, embora com isso não chegue ao nível obtido em 2008 (4,3%). A CEPAL é mais otimista e diz que o crescimento deste ano será de 5,2%, mas para 2011 baixa aos 3,8%.

Os desníveis no crescimento dos países desta região são altos: Brasil, Uruguai, Paraguai e Peru estão no nível superior, enquanto a Venezuela aparece como o único país da América do Sul com crescimento negativo para este ano (-2,6%), localização que compartilha com alguns países do Caribe e com o Haiti, que cairá a -8%, influenciado pelo terremoto de janeiro passado.

O crescimento regional se sustenta tanto na demanda externa como interna e nas políticas de apoio estatal aplicadas. Dado o caráter dependente destes países, sua recuperação não se encontra em correspondência com o que ocorre nas economias mais desenvolvidas do mundo, que impõem preços às matérias-primas e limites aos volumes das exportações. As repercussões da crise europeia se manifestam não só no âmbito de volumes e preços das exportações, mas também em relação à recepção de remessas enviadas pelos migrantes. No Equador, por exemplo, as remessas provenientes da Espanha representam uma proporção próxima aos 3% do PIB deste país.

A América Latina é ponto de disputas econômicas entre os EUA, a União Europeia e a China, principalmente. Os EUA tiveram o controle econômico e político na região e ainda o têm, mas as mudanças produzidas e as que virão são evidentes. A China está se convertendo no sócio estratégico da América Latina e, segundo a CEPAL, a continuar as taxas de exportações da região para seus principais mercados de destino na última década, a China poderá ultrapassar a União Europeia e aproximar-se dos Estados Unidos. Em 2009 as vendas para a China representaram 7,6% do total e se afirma que em 2020 representarão 19,3% (nesse ano as exportações para a UE constituirão 14%), no fundamental a custa da persistente queda das vendas para os EUA que de 38,6% em 2009, diminuirão a 28,4% em 2020¹⁶. Quanto às importações, a CEPAL acredita que a China poderá superar a UE e os EUA em 2020 como fonte das importações da região.

Os investimentos que a China realiza na América Latina são enormes. Em 2004 anunciou projetos de investimento num total de 100 bilhões de dólares antes de 2015, concentrados principalmente na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Venezuela. O fluxo de capitais chineses aumentou por volta de todo o planeta e no caso da América Latina cresceu 70% nos últimos dois anos, segundo cifras oficiais¹⁷. Os